
EDUCAÇÃO FÍSICA

MARÍLIA AMÁBILE GUARIZO

**ASPECTOS RELEVANTES NA
SISTEMATIZAÇÃO DAS ATIVIDADES
RECREATIVAS: VISÃO DO PROFISSIONAL**



Rio Claro
2015

MARÍLIA AMÁBILE GUARIZO

ASPECTOS RELEVANTES NA SISTEMATIZAÇÃO DAS ATIVIDADES
RECREATIVAS: VISÃO DO PROFISSIONAL

Orientador: GISELE MARIA SCHWARTZ

Co-orientador: GISELLE HELENA TARAVES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Instituto de Biociências da Universidade
Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” -
Câmpus de Rio Claro, para obtenção do grau de
Bacharela em Educação Física.

Rio Claro
2015

Guarizo, Marília Amábile

790.0135 Aspectos relevantes na sistematização das atividades recreativas :
G915a visão do profissional / Marília Amábile Guarizo. - Rio Claro, 2014
40 f. : il., gráfs.

Trabalho de conclusão de curso (bacharelado - Educação Física) -
Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro
Orientador: Gisele Maria Schwartz
Coorientador: Giselle Helena Tavares

1. Lazer. 2. Recreação. 3. Intervenção profissional. I. Título.

Ficha Catalográfica elaborada pela STA7TI - Biblioteca da UNESP
Campus de Rio Claro/SP

RESUMO

Este estudo, de natureza qualitativa, teve por objetivo investigar os aspectos relevantes que direcionam a opção e a organização das atividades propostas durante as vivências com recreação, aplicadas no âmbito do lazer por profissionais coordenadores de hotéis, de acampamentos e atuantes do programa Super-férias oferecido pelo SESI (Sistema S, focalizando-se, especificamente, o SESI de Rio Claro). Para tanto, o estudo constituiu-se da união de pesquisa bibliográfica e pesquisa exploratória, durante a qual foi utilizada entrevista semi estruturada, como instrumento para coleta de dados. Os dados foram analisados descritivamente, por meio da técnica de Análise de Conteúdo Temático, tendo sido criados 3 eixos temáticos: Intervenção Profissional, Atividades Recreativas e Participantes. Os resultados apontam para a necessidade de um perfil geral e específico, para atuar com recreação, sendo que algumas características surgem como primordiais, como, pró atividade, responsabilidade e boa comunicação. Notou-se que existem carências na atuação profissional, às vezes, devido à qualificação, seja, em âmbito acadêmico, seja, dentro dos próprios estabelecimentos, que utilizam métodos de treinamento que ocasionam na perda dos aspectos pedagógicos inerentes às atividades, tendo em vista que, embora os elementos pedagógicos estejam presentes, eles não são compreendidos, pelos profissionais, em sua totalidade, tornando a atuação do profissional praticista. Quanto à elaboração de atividades recreativas, percebeu-se a presença de alguns valores educacionais, porém, nem sempre permeiam efetivamente durante a prática profissional. Notou-se ainda, nas atividades, a existência de estruturas básicas, com objetivos pré-estabelecidos, organização e execução planejados. Quanto à renovação do programa de atividades notou-se que esta acontece semestralmente visando apresentar novidades aos participantes. Pode-se notar que os gostos e inclinações dos participantes ainda não são tão considerados por alguns profissionais tanto quando deveriam. Sugerem-se novos estudos, no sentido de ampliar as reflexões acerca desta importante temática na **VRAS-CHAVE:** Atividades recreativas; Intervenção profissional; Recreação;

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO	7
2.JUSTIFICATIVA E RELEVÂNCIA DO TEMA	9
3.REVISÃO DE LITERATURA	11
3.1. <i>O lazer e suas características</i>	11
3.2. <i>Intervenção Profissional</i>	12
3.3. <i>Recreação e campos de atuação</i>	14
4.OBJETIVO.....	18
5.MÉTODO.....	19
5.1. <i>Sujeitos</i>	19
5.2. <i>Instrumento</i>	20
5.3. <i>Análise dos dados</i>	20
6.RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	22
6.1. <i>Eixo 1 – Intervenção Profissional</i>	22
6.2. <i>Eixo 2- Atividades Recreativas</i>	24
6.3. <i>Eixo 3 – Participantes</i>	29
7.CONCLUSÃO.....	31
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	33
8.ANEXOS	36
8.1. <i>Anexo 1 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido</i>	36
8.2. <i>Anexo 2 – Aprovação Comitê de Ética</i>	37
9.APÊNDICES.....	38
9.1. <i>Apêndice 1 - Questões da Entrevista</i>	38

1.INTRODUÇÃO

Nos diversos ambientes propícios para o desenvolvimento do lazer podem ser encontradas inúmeras atividades capazes de unir os aspectos lúdicos aos pedagógicos. Esta característica torna a intervenção do profissional deste campo de grande valia no auxílio ao desenvolvimento da criança, tendo em vista que as intervenções não-formais podem atender, mais diretamente, às expectativas infantis.

A educação, quando trabalhada de maneira não-formal, pode ser recebida com maior facilidade, devido a suas estratégias mais simples e diretamente relacionadas aos desejos do aprendiz. Estas estratégias agregam valores de maneira descontraída, unindo a alegria e a criatividade à ação pedagógica.

Entretanto, para se obter esses resultados esperados com essa intervenção é preciso que as atividades aplicadas sejam elaboradas sob criteriosos aspectos. Um dos importantes fatores que entram em cena é que as atividades devem ser escolhidas de acordo com objetivos rigorosamente pensados, adequados ao público alvo, formalizando um programa de atividades que possua fundamentação teórica condizente. Além disto, exige-se, para esse fim, um profissional que possua bom preparo, consciência sobre os valores educacionais da recreação no contexto do lazer e conhecimento da literatura especializada, para não distorcer ou deixar de relevar aspectos pedagógicos importantes, tanto das atividades em si, quanto do desenvolvimento infantil e suas nuances.

Porém, nem sempre estes aspectos são levados em consideração quando da organização e oferta de atividades recreativas, uma vez que a desvalorização, tanto da área em si, quanto do próprio profissional, ainda é bastante recorrente. No que concerne às publicações encontradas na área da recreação aliadas a este aspecto

educacional, estas ainda são timidamente produzidas em âmbito nacional e pouco favorecem a crítica e a criatividade sobre a adequação de certas atividades.

Alguns enfoques privilegiam a reformulação de atividades que já foram aplicadas e sugeridas para serem usadas em diversos ambientes de características, às vezes, nada parecidos, formuladas quase sempre sem muita fundamentação teórica. Estes aspectos trazem um grande problema, pois, não raro, a escolha de uma determinada atividade por si só, sem a devida contextualização, pode acarretar em perda de qualidade do aspecto pedagógico dessa vivência, ou mesmo, trazendo consequências ainda piores, como a desmotivação e a desvalorização desses conteúdos.

Sendo assim, algumas inquietações se fazem presentes. Será que o profissional atuante com a recreação tem essa consciência desenvolvida, a respeito de levar em consideração a adequação das atividades a cada clientela? Sob que bases são formuladas as propostas de intervenção? Quais seriam as principais fontes de apoio desse profissional para a seleção dessas atividades?

Essas e outras inquietações foram as geradoras desse estudo, no sentido de identificar os aspectos relevantes no momento da escolha das atividades, na atuação do profissional de recreação. O estudo apresenta, primeiramente, uma revisão bibliográfica acerca das temáticas referentes ao lazer, recreação, atuação profissional no campo do lazer. Posteriormente, foi desenvolvida uma pesquisa exploratória, por meio da aplicação de entrevista semi-estruturada para se penetrar no universo pesquisado. Com base nos resultados, apresentam-se sugestões, as quais poderão subsidiar novos estudos e intervenções.

2.JUSTIFICATIVA E RELEVÂNCIA DO TEMA

Com as mudanças sociais ocorridas na atualidade, referentes, principalmente, à ênfase que se deu ao trabalho, ao longo de décadas, o ser humano tem enfrentado um desafio bastante instigante, que é a vivência com mais qualidade e a conscientização sobre a necessidade de equilíbrio nos dispêndios de energia laboral e a busca pela saúde. Isto inclui efetivamente o lazer, o qual pode ser decisivo na perspectiva de aquisição de hábitos mais saudáveis e significativos. A vivência significativa do tempo disponível relativo ao lazer, na contemporaneidade, passa a representar um diferencial bastante importante nesse sentido.

O lazer passa a ser um diferencial competitivo também para diversos mercados que lideram as indústrias do entretenimento e esportiva. No campo da hotelaria e dos acampamentos educativos, os equipamentos hoteleiros e os locais de acampamento que apresentam possibilidade de oferta de recreação orientada parecem receber cada vez maior atenção do consumidor, o qual, não raro, busca, especialmente, novidades e fuga da rotina com segurança.

Entretanto, a atuação do profissional envolvido, muitas vezes, deixa a desejar, apontando falhas na qualidade da intervenção, com possíveis consequências diretas. Sendo assim, torna-se bastante relevante direcionar o foco do estudo para se compreender o modo como esse profissional envolvido está sendo preparado para lidar com os aspectos inerentes a sua atuação e perceber as lacunas ainda existentes.

Além disto, apesar desse crescente interesse e demanda sobre a utilização dos equipamentos do lazer, bem pouco se tem produzido na literatura nacional a respeito do papel importante do profissional atuante neste campo em relação ao modo como ele se envolve com as atividades a serem aplicadas à clientela participante. Muitas vezes, as escolhas dessas atividades não são baseadas em

aspectos fundamentais inerentes ao desenvolvimento humano, à passagem de valores éticos e morais e aos elementos pedagógicos. Uma das explicações possíveis para estas falhas pode decorrer no reduzido número de estudos e pesquisas abordando, para além de repertório de atividades, as diversas perspectivas inerentes ao campo, o que parece carecer de olhares mais incisivos.

Portanto, todo esse prisma de incompletude justificou o desenvolvimento desse estudo, no sentido de refletir sobre as estratégias utilizadas nas escolhas das atividades a serem aplicadas no campo da atuação profissional em recreação em hotéis e acampamentos educativos, buscando subsidiar intervenções mais significativas.

3.REVISÃO DE LITERATURA

3.1. *O lazer e suas características*

O lazer se constitui como um fenômeno que foi sistematizado, principalmente, em decorrência da organização social do trabalho, cujos benefícios ampliaram-se para a efetivação do que se convencionou chamar de tempo livre. Devido a sua complexidade, o termo lazer recebeu diversas concepções ao longo da história e algumas são bastante utilizadas para compreendê-lo.

Um dos importantes sociólogos que influenciou diversos estudiosos no Brasil a respeito do lazer foi Joffre Dumazedier, o qual apresentou uma das definições clássicas deste fenômeno. Para Dumazedier (1973, p. 34) o lazer é considerado como [...] um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre e espontânea vontade. Ainda para esse autor, o envolvimento nessas ocupações pode ampliar as possibilidades de o indivíduo repousar, divertir-se, desenvolver-se ou, ainda, realizar outras atividades de maneira espontânea, por vontade própria, após cumprir suas obrigações profissionais, familiares e sociais.

Outros autores também prestam suas colaborações para a compreensão do termo lazer, aproximando-se, ou mesmo, acrescentando outros enfoques à visão de Dumazedier. Para Requixa (1980), o lazer abrange ocupações não obrigatórias, realizadas por livre escolha do indivíduo e ele ainda salienta que estas propiciam desenvolvimento pessoal e social, além de recuperação psicossomática.

Na visão de outro estudioso do termo, Marcellino (1983, p. 25), o lazer é visto como “[...] a cultura – compreendida no seu sentido mais amplo – vivenciada (praticada ou fruída) no ‘tempo disponível’”. Para o autor, essa vivência deve ser desinteressada, em que a busca não vai além da satisfação gerada pela situação.

Mesmo com total dependência do fenômeno trabalho em relação a sua organização temporal e de fruição, o lazer possui características próprias e diferenciadas. Marcellino (1995) evidenciou este aspecto, quando apontou que o lazer é a cultura vivenciada no tempo disponível, tendo estreita ligação com o trabalho e com as demais esferas sociais.

Na perspectiva de demonstrar pedagogicamente a abrangência dos interesses relativos ao lazer na época de seus estudos, Dumazedier (1980) apresentou a classificação das vivências referentes ao lazer de acordo com o princípio cultural de cada atividade e as denominou de interesses culturais do lazer, sendo eles: interesses físico-esportivos, manuais, intelectuais, artísticos e sociais. A partir desta classificação e tendo em vista a necessidade de atualização desses interesses, fundamentada nas peculiaridades da sociedade atual, Camargo (1998) propõe o sexto interesse no lazer, relativo ao interesse turístico. Schwartz (2003) apresenta uma nova proposta, com a inserção do interesse virtual no lazer a esta classificação.

Com estas perspectivas ampliadas, o lazer tem sido foco de atenção em diversas áreas de estudo e seus componentes tomados em consideração de modo mais efetivo, uma vez que o lazer, dentro da perspectiva da indústria do entretenimento, tem representado um grande campo de atuação profissional. Este fato referente ao campo de trabalho, aliado às questões de maior conscientização a respeito da relação lazer-saúde-qualidade de vida, denota a importância de se compreender como estão sendo viabilizadas as intervenções do profissional atuante neste campo.

3.2. Intervenção Profissional

Entre as diversas possibilidades de enfoques referentes ao campo de atuação profissional no lazer encontra-se o recreador e o animador cultural, que têm suas bases nos espaços ou equipamentos destinados ao lazer, também nos setores hoteleiro e de acampamentos educacionais, os quais representam o foco de atenção nesse estudo.

A respeito da formação profissional atuante no campo do lazer, alguns estudos já têm prestado contribuições importantes, como os de Werneck (1998), Silva e Schwartz (2001), Isayama e Moura (2008), entre outros. Nesses estudos são salientados aspectos de que o profissional do lazer deve estar consciente da

responsabilidade e da importância que tem seu trabalho para que a intervenção seja realmente eficaz e atinja seu propósito de educar por meio do lazer.

Entretanto, muitas vezes, esses profissionais são efetivamente treinados para aplicar atividades de forma sistemática, não recebendo conhecimentos sobre a maneira como a intervenção pode ser eficiente. Não raro, os conhecimentos ficam restritos à parte funcional ou empírica da recreação, as partes de teoria do lazer e da ação pedagógica acabam ficando em plano secundário (ISAYAMA, 2009), acarretando inúmeros transtornos e, até mesmo, a desvalorização do próprio profissional.

Esse profissional, demonstrando pouco conhecimento teórico, acaba sem liberdade para criar, decidir, ou mesmo, influenciar nas escolhas das atividades que desenvolve, tornando-se condicionado a aplicar propostas que podem ter os valores educativos totalmente distorcidos, já que não possuem consciência desses equívocos em sua intervenção e das próprias conseqüências sobre as crianças. Sendo assim, faz-se necessário um redimensionamento da ação desse profissional para o conhecimento aprofundado na área, embasado em estudos teóricos, além de espaços de crítica e criação, capazes de estimular mudanças significativas, para que a recreação não seja realizada apenas sob a égide do conhecimento empírico, tornando-se mais vulnerável a equívocos.

Nesse sentido, em importante estudo a respeito do lazer, Gaelzer (1979) salientou que o profissional do lazer deve ser capaz de influenciar as pessoas, ser receptivo, bondoso, sensível, entre outros. O recreador, muitas vezes, é tido como exemplo para as crianças, portanto, essa capacidade de influenciar é bastante visível e é um elemento importante durante a intervenção, pois facilita a aprendizagem de maneira espontânea.

Neto (1980), já na década de oitenta, evidenciou que o profissional do lazer deve possuir uma ampla formação cultural, ter ligação afetiva com a área de atuação, trabalhar o lado criativo para não se deixar cair na rotina, além de exercer sua profissão em ações voluntárias. Ainda na mesma década, Marcellino (1987) chamou a atenção em relação a que o recreacionista e o animador devem ser comunicativos, simpáticos, alegres, maleáveis, perspicazes, divertidos e brincalhões, além de saberem estabelecer limites.

Para tanto, Marcellino (1987) ainda considerou como funções desse profissional: planejar, operacionalizar e coordenar as atividades lúdicas, além de

saber explicar seu funcionamento, propiciando a integração de grupos. Para que tudo isto seja possível, ele complementa que o profissional deve adquirir conhecimentos de primeiros socorros, zelar pelo material, responsabilizar-se pela integridade física do grupo e propiciar situação onde haja estados psicológicos positivos.

Isayama e Moura (2008) também apregoam que a prática profissional no campo do lazer fica bastante condicionada à produtividade, em detrimento da qualidade, em que, muitas vezes, se valoriza o desempenho e o produto, em detrimento do processo. Isto pode dificultar a passagem de valores sobre o lazer e sua compreensão como fenômeno educativo, especialmente, quando entra em foco sua atuação direta no contexto da recreação.

3.3. *Recreação e campos de atuação*

Há diversas formas de se compreender e abordar a recreação como uma das possibilidades ocorrendo dentro do lazer. Guerra (1996) define a recreação como todas as atividades prazerosas, praticadas pelo indivíduo de forma espontânea, a fim de ocupar de maneira agradável seu tempo livre. Para Camargo (1998), o conceito de recreação, dentro da perspectiva sociocultural, em nada se diferencia do conceito de lazer. Todavia o surgimento dos dois termos se dá devido a um problema linguístico, pois algumas línguas modernas não possuem termo equivalente ao *licere* latino. Entretanto, nem todos os autores concordam com esta comparação, já que a recreação também pode ser vista como componente ou uma das possibilidades de vivência no contexto do lazer.

Segundo Castro (2007), a recreação é um conjunto de atividades com caráter lúdico, que busca promover entretenimento e divertimento. Esta pode ocorrer, inclusive, dentro dos interesses específicos do lazer. A recreação também pode estar presente em diversos ambientes ou equipamentos do contexto do lazer, como, por exemplo, acampamentos, hotéis, clubes, eventos, entre outros, ou mesmo fora deste, como em hospitais e no ambiente de trabalho, dependendo do modo e do objetivo com que esta é envolvida.

No campo dos equipamentos de lazer referentes a hotel e acampamentos, elementos foco desse estudo, a recreação é tida com um grande diferencial, tanto na escolha de um hotel, quando na perspectiva de absorção de condutas educativas

em acampamentos. Isto decorre do fato de que, cada vez mais, as famílias buscam locais onde, além de descansar, possam encontrar diversão e entretenimento, exercitar-se de maneira descontraída e integrar-se com outras pessoas, vivenciando novas sensações por meio do lúdico, aspectos evidenciados nos estudos de Tahara (2004).

Segundo a Nova Classificação de Meios de Hospedagem proposta pelo Ministério do Turismo (2011), estes se dividem em sete categorias: Hotel, Resort, Hotel Fazenda, Cama & Café, Hotel Histórico, Pousada e Flat/Apart-Hotel, sendo que há, ainda, a utilização da simbologia de estrelas, para estabelecer categorias específicas para cada tipo: Hotel (1 a 5 estrelas), Hotel Fazenda (1 a 5 estrelas), Cama & Café (1 a 4 estrelas), Resort (4 a 5 estrelas), Hotel Histórico (3 a 5 estrelas), Pousada (1 a 5 estrelas), Flat/Apart-Hotel (3 a 5 estrelas). Para Ribeiro (2004), os hotéis podem ser subdivididos em hotéis fazenda, de estâncias hidrominerais, ecológicos e *resorts*. Cada uma dessas categorias exige uma adequação do profissional, condizendo com as expectativas de quem procura este setor.

O setor hoteleiro, durante o Século XX, passou por um intenso processo de expansão, que resultou na ampliação de estabelecimentos, diversificação de serviços e ocupação de novos locais, como praias, montanhas e antigas fazendas. Porém, a indústria hoteleira se deparou com um problema, já que, muitas das novas regiões ocupadas não apresentavam recursos próprios para atrair a clientela Ribeiro (2004). É, então, que as atividades recreativas e de lazer são incorporadas às propostas dos hotéis, como um diferencial, oferecendo diversão e entretenimento para satisfazer os hóspedes.

Segundo Castelli (1991), foi por influência das programações de navios transatlânticos que os hotéis incorporaram as atividades do campo do lazer e a recreação nos seus serviços. Campos (2003) ainda salienta que as atividades monitoradas de lazer passaram a compor o quadro de serviços dos hotéis a partir de 1960, sendo primeiramente oferecidas às crianças e, posteriormente, estendidas aos adolescentes e, por fim, aos adultos.

Sendo a recreação um meio de atrair e satisfazer à clientela, este serviço, algumas vezes, pode ser encarado apenas como um produto de *marketing*, o que faz com que os aspectos pedagógicos implícitos nas atividades recreativas sejam esquecidos, inclusive por parte por profissionais que atuam nesta área. Como salienta Ribeiro (2004), muitas equipes de recreação têm seu trabalho baseado

apenas em fins lucrativos, enquanto outras poucas se preocupam com os aspectos pedagógicos presentes nas atividades recreativas. Isto pode deflagrar diversas inquietações, já que a valorização do profissional atuante pode estar em jogo.

Entre as diversas perspectivas de atuação do profissional do lazer atuante com recreação, além dos hotéis, acampamentos, empresas e hospitais, ainda se pode citar o terceiro setor, envolvendo organizações não governamentais e paragovernamentais como é o caso do Sistema S, o qual, juntamente com os acampamentos, serão alvo deste estudo. Esse sistema representa um conjunto de onze contribuições de interesse das categorias profissionais ou econômicas previstas na constituição brasileira. As receitas arrecadas pelas contribuições ao Sistema S são repassadas a entidades, as quais devem aplicá-las em educação, saúde e lazer, por intermédio de atividades que visem aperfeiçoamento pessoal e bem-estar social dos trabalhadores.

As instituições pertencentes ao Sistema S são: Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR), Sistema Nacional de Aprendizagem do Comércio (SENAC), Serviço Social do Comércio (SESC), Sistema Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (SESCOOP), Serviço Nacional de Aprendizagem da Indústria (SENAI), Serviço Social da Indústria (SESI), Serviço Social de Transporte (SEST), Serviço Nacional de Aprendizagem do Transporte (SENAT), Diretoria de Portos e Costas do Ministério da Marinha (DPC), Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) e Fundo Vinculado ao Ministério da Aeronáutica (Fundo Aeroviário). Tendo em vista o desenvolvimento comprovado e reconhecido de atividades recreativas em apenas algumas dessas entidades, este estudo será centrado nas experiências do SESI, para a coleta de dados junto aos profissionais ali atuantes.

No que concerne aos acampamentos de férias, para Henriques e Ysayama (2002), estes são considerados equipamento de lazer, onde equipes multidisciplinares podem desenvolver atividades que trabalham crítica e criativamente, por meio de ações pedagógicas. Talvez, nesse setor dos acampamentos, seja mais explícita a relação educativa, já que estes diferem da hotelaria, justamente por sua caracterização histórica, já vinculada à perspectiva educacional.

Os acampamentos surgiram no Brasil por volta de 1930, pela Associação Cristã de Moços (ACM), entidade sem fins lucrativos, em que a associação se

guiava pelo modelo americano, buscando trabalhar os valores do cristianismo juntamente com a educação integral e a recreação. Conforme Silva (2004) o primeiro acampamento totalmente brasileiro fora criado em 1953, sendo chefiado por um professor da área de Educação e organizado por profissionais das mais variadas áreas de conhecimento. Valores, como respeito ao próximo, solidariedade e cooperação, eram ensinados por meio de atividades educativas e físicas de caráter lúdico. O principal objetivo deste acampamento era dar continuidade à educação escolar.

Nos acampamentos, as atividades recreativas tendiam a desenvolver o físico, o intelecto e também o emocional dos acampantes, por meio do lúdico. Valores como cooperação, solidariedade, respeito ao próximo, integração com a natureza, entre outros, eram comumente abordados quando esta atividade surgiu.

Entretanto, tanto no contexto dos acampamentos, quanto no dos hotéis e no do Sistema S, esses valores, muitas vezes, não são mais tomados em consideração no modo de desenvolvimento das atividades, em decorrência, principalmente, do fato de o próprio profissional não absorver esse conhecimento, ou não ser estimulado a ver sua atuação com o potencial educacional. Esta inquietação gerou o olhar desse estudo, no sentido de perceber como os profissionais atuantes em hotéis, acampamentos e em algumas entidades do Sistema S vislumbram esse parâmetro no contexto de suas intervenções.

4.OBJETIVO

O estudo tem por objetivo investigar os aspectos relevantes que direcionam a opção e a organização das atividades propostas durante as vivências com recreação, aplicadas no âmbito do lazer por profissionais coordenadores de hotéis, de acampamentos e atuantes no Sistema S, focalizando-se, especificamente, o SESI.

5.MÉTODO

Este estudo tem uma natureza qualitativa, por entender que este método favorece a compreensão de fenômenos com as características desse focalizado no estudo, conforme evidencia Richardson (2007). Para o autor, as pesquisas com metodologia qualitativa permitem a compreensão de grupos sociais e de seus processos dinâmicos, adequando-se, portanto, a este tipo sugerido de estudo.

Para o desenvolvimento do estudo a proposta foi a união de pesquisa bibliográfica e pesquisa exploratória. A pesquisa bibliográfica evidenciou estudos acerca das temáticas referentes ao lazer, recreação e atuação profissional no campo do lazer. Para que se penetrasse no universo em foco, foi desenvolvida uma pesquisa exploratória. A pesquisa exploratória se justificou pelo fato de facilitar a compreensão do problema, por meio de entrevistas. Para Gil (1999), este tipo de estudo proporciona um maior conhecimento acerca do fenômeno focalizado, além de permitir a formulação de problemas e soluções mais precisos.

Para o desenvolvimento da pesquisa exploratória, foi utilizado como instrumento para a coleta de dados entrevista semi-estruturada. Esse instrumento proporciona maior envolvimento dos sujeitos, tendo em vista que a possibilita maior liberdade nas respostas, conforme saliente Richardson (2007).

5.1. *Sujeitos*

Participou dessa pesquisa uma amostra intencional, composta por 05 representantes dos profissionais coordenadores atuantes em hotel, o qual apresentava recreação dirigida; 05 profissionais que atuavam em acampamentos pertencentes ao quadro de entidades associadas à ABAE – Associação Brasileira dos Acampamentos Educativos, além de 05 representantes atuantes no Sistema S, relativo ao Sesi de Rio Claro, no Estado de São Paulo. Esses espaços foram selecionados para a pesquisa, tendo em vista a relevância dos mesmos no cenário

nacional, em relação às possibilidades de atuação do profissional nos campos do lazer e da recreação.

5.2. Instrumento

Como instrumento da pesquisa exploratória, aplicou-se uma entrevista semi-estruturada (APÊNDICE 1) aos profissionais que trabalhavam nos três segmentos de interesse desse estudo, a saber: acampamentos, hotéis e sistema S, buscando, assim, verificar os aspectos que influenciam a escolha das atividades recreativas em seus segmentos. A entrevista semi-estruturada foi composta por perguntas abertas, o que possibilitou a contemplação de todas as informações necessárias para a realização da pesquisa.

A viabilização da pesquisa se deu por meio de um contato inicial com cada um dos segmentos, para explicar o objetivo da pesquisa e esclarecer qualquer dúvida quanto à aplicação das entrevistas. Posteriormente, os profissionais foram convidados a participar da pesquisa, e, aqueles que se dispuseram a participar, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO 1), deixando claro que sua participação não era obrigatória e poderia ser interrompida a qualquer momento, atendendo a todos os pressupostos éticos para pesquisas com seres humanos. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, sob número 8115 e decisão CEP Nº 095/2013. Os profissionais foram submetidos à entrevista de forma individualizada.

5.3. Análise dos dados

Os dados provenientes das respostas dos sujeitos foram analisados descritivamente, por intermédio da Técnica de Análise de Conteúdo Temático. Para Bardin (2010), a análise de conteúdo permite inferir o conhecimento das mensagens por meio da descrição pontual do conteúdo dessas mensagens, com base em procedimentos sistemáticos.

Essa técnica favorece, segundo Richardson (2007), o apontamento de elementos relevantes dentro de um discurso ou de determinadas respostas, colocando em evidência as partes significativas dessas respostas. Ainda segundo o autor, essa técnica se baseia na decodificação de um texto por meio de classificação e agrupamento em eixos temáticos, conforme a recorrência das respostas, visando a melhor compreensão do mesmo.

Para Bardin (2010) a Análise de Conteúdo deve seguir três etapas: pré-análise, análise do material e tratamento dos resultados. A pré-análise, é a organização e elaboração do esquema de trabalho, onde ocorre a sistematização das ideias, a formulação de hipóteses e a elaboração de indicadores, para que a interpretação dos resultados seja possível, Richardson (2007). Ainda segundo Richardson (2007) o tratamento dos dados se dá pela categorização, onde se busca agrupar as unidades do texto, possibilitando, assim, uma interpretação do seu conteúdo.

6.Resultados e Discussão

Os resultados encontrados foram divididos em três eixos: Intervenção Profissional, Atividades Recreativas e Participantes. O Eixo referente à Intervenção Profissional trata do preparo do profissional para atuar na área e a necessidade ou não de um determinado perfil para atuação. No que se refere ao Eixo Atividades Recreativas, encontram-se os itens que salientam a elaboração de atividades recreativas, as soluções utilizadas para resolver possíveis problemas ou imprevistos, os quais podem vir a ocorrer durante a execução das atividades e que ainda precisam ser superados, aborda-se, ainda, quando e sob quais circunstâncias as atividades de um programa são renovadas e/ou substituídas. No Eixo Participantes, levou-se em consideração a frequência dos participantes, as atividades mais aceitas por eles e como esses fatores influenciam na elaboração do programa de atividades.

6.1. Eixo 1 – Intervenção Profissional

No primeiro eixo, correspondente à Intervenção profissional, foi possível verificar que os profissionais participantes desse estudo, em sua maioria, defendem a necessidade de um perfil geral para atuar com recreação em seus segmentos, como é evidenciado no Gráfico 1. Algumas características surgem como primordiais, entre elas, pró atividade, responsabilidade e boa comunicação. Outro fator relevante que influencia na escolha dos profissionais é a adequação à faixa etária com a qual se pretende atuar. Foi evidenciado, por profissionais de hotéis e acampamentos, que, em algumas situações, o profissional precisa de habilidades específicas para realizar determinadas atividades, como por exemplo, as de aventura na natureza, que abrangem o arvorismo, a tirolesa, entre outros. Para realizar essas atividades, é imprescindível que o profissional possua capacitação específica e seja capaz de executar as técnicas e normas de segurança exigidas.

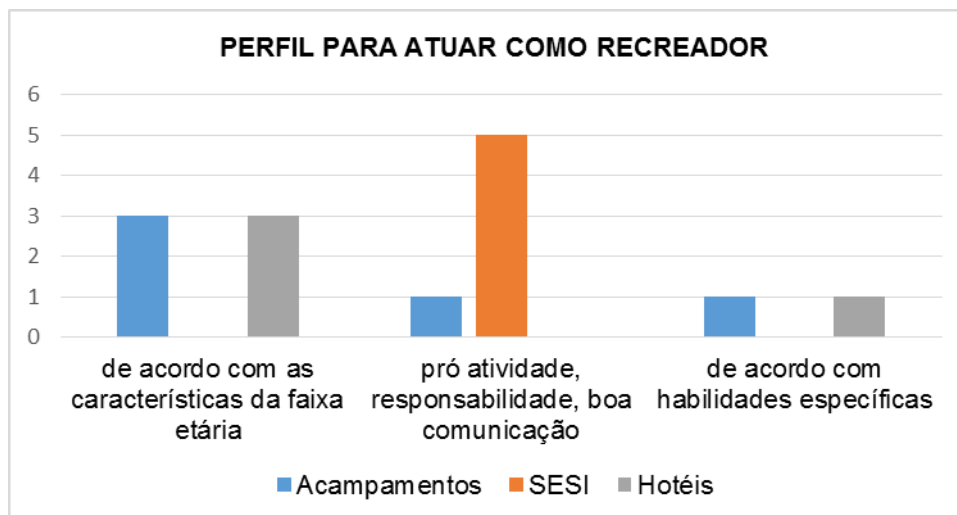


Gráfico 1 – Perfil para atuar como recreador

No que tangente ao perfil profissional, Negrine *et al* (2001) afirmam que o profissional deve ser capaz de: estabelecer relações interpessoais; respeitar a opinião alheia, ser mediador e criativo e, ainda, ser capaz de tomar decisões. Já CAMARGO (1998) salienta que esse profissional necessita ter polivalência cultural, possuindo conhecimentos em diferentes campos de atuação e técnicas de trabalho, além de ser capaz de montar e coordenar equipes com profissionais de diferentes formações e origens.

Pimentel (2003) afirma que é necessário ao profissional ter conhecimento, para fazer uma análise correta acerca do tema lazer, criticidade para questionar os equívocos e criatividade para modificar a realidade. Para Marcellino (1995) o profissional deve propor a pedagogia da animação, para que, por meio da atividade lúdica, se possa promover ânimo, alegria e transformação da vida humana. Ainda segundo o autor, para que esse propósito seja alcançado, o profissional precisa ser um misto de profissionais: pedagogo, sociólogo, psicólogo, técnicos em educação física.

Os dados do estudo corroboram as ideias dos autores, haja vista que estes apontam para um profissional com características gerais e específicas que seja capaz de identificar as necessidades dos participantes, além de ser carismático e alegre e, ainda, ser capaz de gerenciar um programa de atividades, da elaboração à execução.

O profissional atuante no lazer, além de possuir algumas habilidades específicas, precisa estar atento às características do grupo com o qual irá atuar.

Percebeu-se que a formação da maioria dos profissionais entrevistados, era em Educação Física, como é mostrado no Gráfico 2. Isto leva ao questionamento sobre o currículo e as abordagens que são feitas nos cursos de formação em Educação Física, no sentido de qualificar o profissional desta área para atuar no campo do lazer, aspecto que merece atenção em novos estudos.

Ao tratar das características de faixa etária, alguns autores utilizados para fundamentar a atuação nessa área foram referenciados como norteadores das propostas educacionais apresentadas nos estabelecimentos, entre eles, os mais citados foram Jean Piaget, Gallahue e Ozmun, Vigostky, entre outros. Quanto à formação em habilidades específicas para atuação com atividades de aventura na natureza, os estabelecimentos buscam cursos específicos, bem como, utilizam os manuais de Sistema de Gestão de Segurança, propostos pela ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas). Tais manuais são referenciados no *site* da ABETA (Associação Brasileira das Empresas de Ecoturismo e Turismo de Aventura).

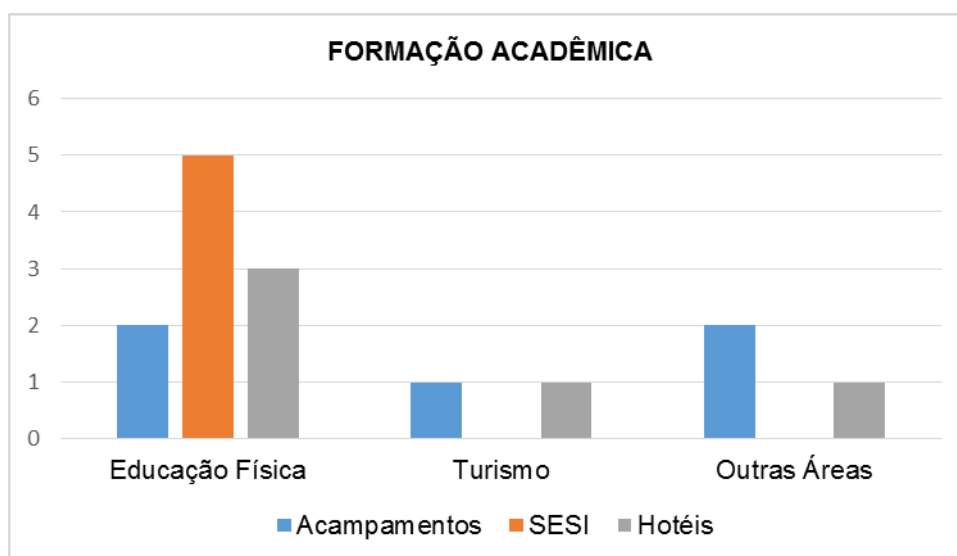


Gráfico 2 – Formação acadêmica

6.2. Eixo 2- Atividades Recreativas

A escolha das atividades a serem praticadas no tempo destinado ao lazer é feita por meio das preferências pessoais de cada um, esse fator gera um grande desafio na elaboração de um programa de atividades, uma vez que, além de pensar

no objetivo, planejamento e execução de cada atividade, o profissional precisa, ainda, estar atento às características do público como o qual trabalha, às constantes inovações do mercado e às exigências de cada grupo. No entanto, o fato da participação ser de livre escolha, característica mais evidente dos hotéis, torna o ambiente do lazer muito propício para o desenvolvimento da educação não formal. Para Ghon (2011), a Educação formal pode ser vista como uma possibilidade de produção de conhecimento fora das estruturas curriculares da Educação formal. No que concerne ao lazer, Melo e Alves Júnior (2003) afirmam que podemos aproveitar as atividades para empregar valores, conduta e comportamento. Para que haja maior interesse nas atividades propostas é necessário que estas apresentem temas que façam parte da vivência dos participantes e que tragam novidades a cada participação.

Quanto à renovação do programa de atividades para atrair os participantes, notou-se, nos segmentos estudados, que há predominância de um programa com duração semestral, ou seja, a cada temporada o programa é renovado. No entanto, essa renovação não é total, pois existem algumas atividades consideradas bases dos programas e, por isso, estão sempre presentes e outras variam de temporada para temporada. Além disso, percebeu-se que, nos três ambientes, a maioria das atividades possui estruturas básicas, com objetivos pré-estabelecidos, organização e execução já definidos, que sofrem alteração apenas no enredo da atividade, sendo que este é sempre substituído por um tema mais atual e que tenha relevância no cotidiano dos participantes.

Embora as atividades possuam planejamento e sejam amplamente discutidas visando o mínimo de erros, podem ocorrer imprevistos, uma vez que a atividade pode não surtir o efeito esperado, ou, ainda, pode haver necessidade de substituição de uma atividade por determinados motivos, como clima ou não aceitação pelos participantes. Nesses casos de substituições repentinas, percebeu-se que, na maioria dos casos, os profissionais possuem atividades reservas, para substituir aquela que fracassou, mas, foi relatado que essas mudanças não ocorrem com frequência, pois as atividades são bem planejadas, principalmente, em acampamentos.

Quanto às dificuldades encontradas na execução das atividades, a manutenção da motivação dos participantes é relatada pelos três segmentos, sendo que nos acampamentos, a mais citada é a inclusão, principalmente, no que se refere

às atividades físicas na natureza e, também, a dificuldade de integração entre participantes com idade distintas, que ocorre em alguns momentos. Nos hotéis, alguns profissionais relataram que encontram problemas na inserção de temas atuais que tenham relevância para o participante, que faça parte do cotidiano dele.

Além disso, foi apontada certa dificuldade em prever como será a aderência em uma nova atividade, o que foi ressaltado, principalmente, por profissionais do Sesi. Nesse aspecto de acerto na escolha das atividades, Marcellino (2006) aponta que uma determinada atividade pode proporcionar grande prazer a um indivíduo mas ser entediante para outro, sendo, portanto, um desafio para os profissionais da área a escolha de um repertório que possa agradar à maioria.

No que se refere à distribuição das atividades ao longo do dia, ficou evidente que as capacidades e habilidades exigidas para cada atividade são levadas em consideração ao se elaborar o programa, por todos os segmentos, como é mostrado do Gráfico 3. Além disso, outro aspecto aparente nos três segmentos é referente aos valores a serem trabalhados. No Sesi, onde a distribuição das atividades é pré-estabelecida pela instituição, nota-se que a melhor utilização do tempo é relevante. Nos acampamentos, onde o contato com a natureza é um dos propósitos que atraem os clientes, o tempo que se destina às atividades que proporcionam esse contato também é levado em consideração.

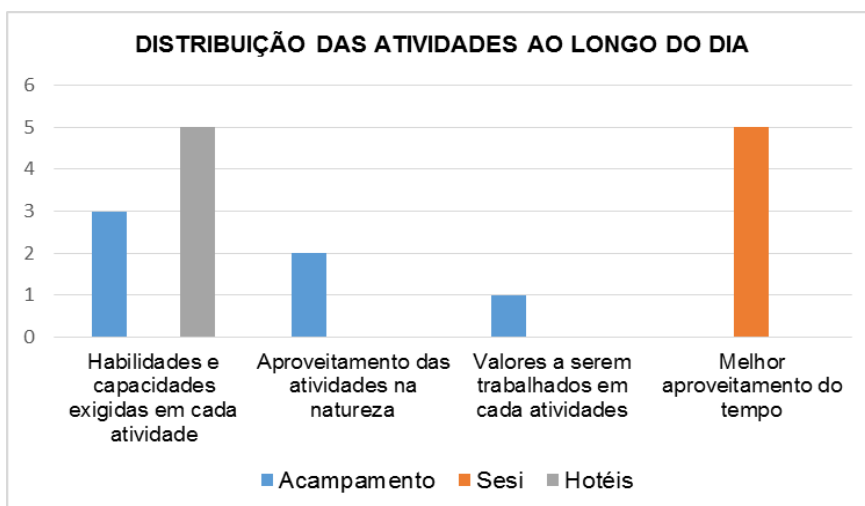


Gráfico 3 – Distribuição das atividades ao longo do dia

Ao se questionar sobre os principais temas que norteiam a elaboração das atividades recreativas, pode-se perceber a presença de aspectos pedagógicos, direta ou indiretamente e, que alguns temas, são recorrentes nos três segmentos, como é demonstrado pelo Gráfico 4, sendo que os principais, são: cooperação e integração, criatividade, resgate cultural, entre outros.

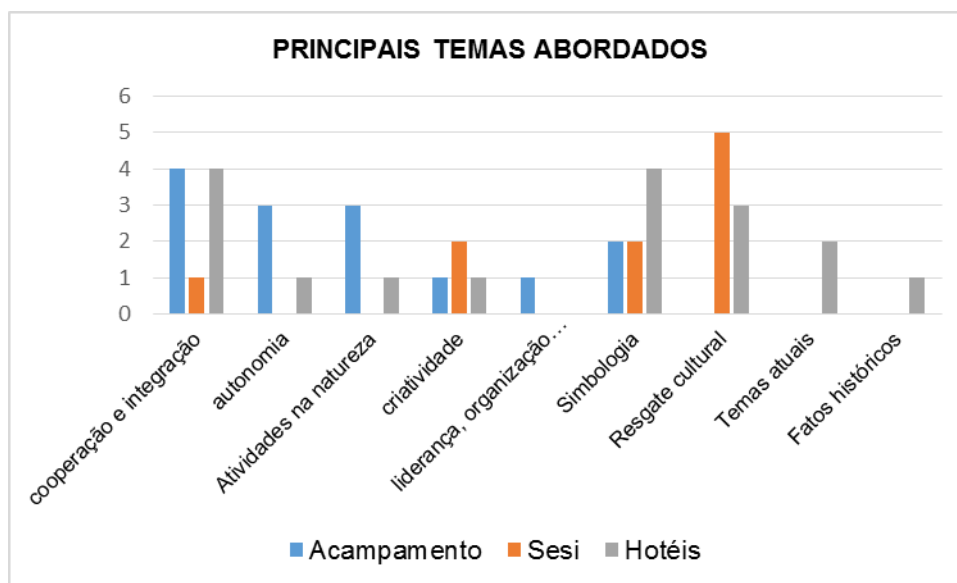


Gráfico 4 – Principais temas abordados

As atividades na natureza são priorizadas, principalmente nos acampamentos, onde o meio é bastante propício para essa interação. Além disso, percebeu-se também, que a autonomia dos participantes é levada em consideração mais nesse segmento que nos outros. Isso fica evidente na distribuição de atividades durante o dia, pois, em alguns momentos do dia, existem várias atividades acontecendo concomitantemente e isso permite ao participante escolher de quais quer participar e em qual momento.

Essa autonomia por ser vista em hotéis, apenas nos intervalos propostos entre algumas atividades. Esses períodos de não-atividade estimula as crianças e adolescentes a buscarem autonomia, criando e organizando suas próprias atividades sem a orientação profissional (Marcellino 2007). Isso ocorre com menos frequência no Sesi, pois a distribuição das atividades é pré-estabelecida pela instituição.

Ao abordar o tema aprendizagem das atividades recreativas ficou bastante evidente em todos os segmentos que o principal meio de aprendizagem se dá por meio de outros monitores, como é mostrado no Gráfico 5. Na maioria dos casos, esse aprendizado é realizado em situações práticas, onde a transferência do conhecimento acontece na presença dos participantes, ou seja, ao invés da explanação sobre o conteúdo teórico/prático de cada atividade, o que se aprende é apenas a execução desta.

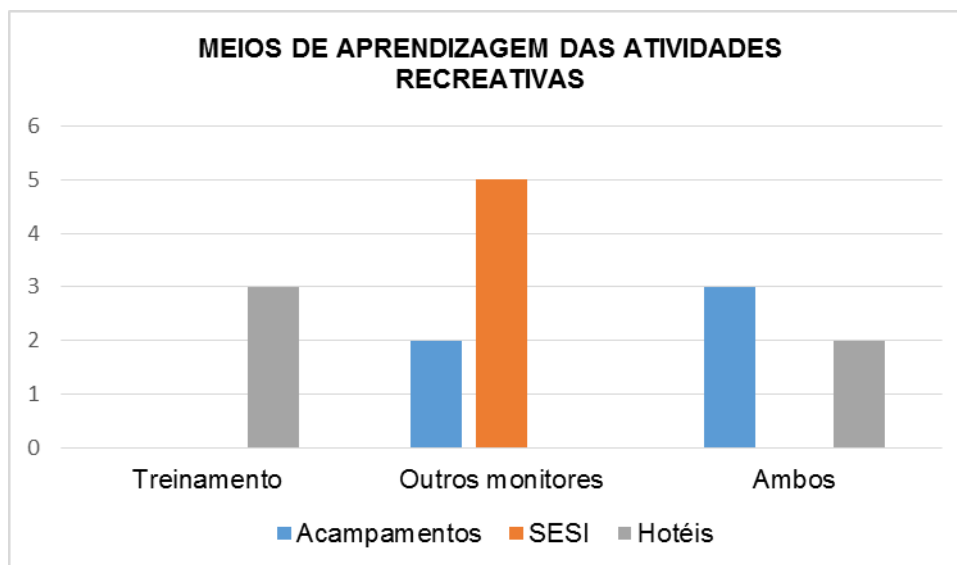


Gráfico 5 – Meios de aprendizagem das atividades recreativas

Embora, em algumas situações, haja treinamentos teóricos prévios e/ou concomitantes à aprendizagem prática, eles são, em geral, de curta duração e dificilmente abrangem amplamente os aspectos pedagógicos implícitos em cada atividade, o que aponta para uma prática sem a devida reflexão sobre a ação. Apesar de os elementos pedagógicos estarem presentes, eles não são compreendidos em sua totalidade, tornando a atuação do profissional praticista.

Ao discutir a relação teoria/prática, Marcellino (1995) afirma que ela deve ser indissociável, pois, a dicotomia nessa relação aproxima o entendimento ao senso comum, colocando a teoria como um discurso vazio, sem qualquer relação com a realidade vivida no concreto e a prática desvinculada da teoria, como uma ação desprovida de sentido. A aplicação da tarefa prática sem a devida contextualização faz com que o desempenho da atividade seja comprometido, ou, até, perca seu sentido.

Uma vez que o profissional não consegue identificar os objetivos da atividade, qualquer perda de objetivo que possa ocorrer não será percebida, ou ainda, o profissional não terá recursos para solucionar os problemas encontrados. No que tange a essa vinculação teoria e prática Pimenta (2005, p. 26.) afirma que “[...]os saberes teóricos propositivos se articulam, pois, aos saberes da prática, ao mesmo tempo ressignificando-os e sendo por eles ressignificados.”.

A qualidade da atuação só pode ser alcançada quando o profissional se apropria de todos os conhecimentos, teóricos e práticos, da atividade a ser desenvolvida, possibilitando, então, uma prática reflexiva, onde o profissional consegue articular teoria e prática, conhecer os objetivos a serem alcançados em uma tarefa e ter recursos para escolher a melhor maneira de trabalhá-los.

6.3. Eixo 3 – Participantes

As inclinações dos participantes quanto às atividades recreativas precisam ser levadas em consideração, ao se elaborar um programa de atividades, além disso, para motivar os participantes a realizar uma atividade, é preciso sempre trazer novidades e agregar elementos que despertem sua atenção. Para isso, nada melhor que conhecer o grupo a ser atendido, desde a frequência, até as atividades que são mais aceitas por eles.

Para Marcellino (2007) as crianças e adolescentes deveriam ter a possibilidade de vivenciar uma gama variada de atividades que abrangessem todos os interesses culturais do lazer, para que, então, pudessem optar, de maneira não conformista, pela atividade no âmbito do lazer. Ainda segundo o mesmo autor, os pacotes de atividades relacionadas ao contexto do lazer são elaborados para os participantes e não com os participantes, de modo a comprometer a participação efetiva, devido ao direcionamento do programa de atividades.

Ao se questionar a frequência com que os participantes frequentavam esses locais de prática, percebeu-se que, no SESI, a maioria dos participantes vai a todas as edições do programa Super Férias, ou seja, estão presentes duas vezes ao ano. Nos acampamentos, a frequência média também é de duas vezes ao ano, uma por temporada. Nos hotéis, a frequência é maior, muitas vezes os participantes frequentam os locais durante feriados prolongados, além de irem nas férias de verão e inverno, o que resulta numa frequência média de 4 vezes ao ano.

Tendo em vista essa grande frequência dos participantes, todos os segmentos deveriam ter uma ampla gama de atividades, porém, nem sempre é o que ocorre. O segmento hoteleiro é o que menos traz novidades aos clientes, quando deveria ser o que mais apresentasse, devido à recorrência de seus participantes ser maior. Uma das justificativas para haver maior troca de atividades é que os profissionais que trabalham no setor são rotativos, o que dificulta a inserção de novas atividades, pois os treinamentos precisariam ser ainda mais constantes. Isso se tornaria inviável, já que o profissional permanece por pouco tempo no local, às vezes, não completa sequer uma temporada.

Sendo assim, para não perder a qualidade da atividade ou ignorar os aspectos pedagógicos destas, os profissionais do setor optam por manter um programa não tão atualizado, mas que contemple a proposta educacional que consideram correta. Quanto aos acampamentos, o ambiente é mais controlado, pois os grupos fecham sua ida ao local com antecedência, o que possibilita traçar o perfil do cliente antes de sua chegada e, assim, elaborar um programa de atividades pertinente ao gosto daqueles participantes. No SESI, como os participantes geralmente se repetem em todas as edições, é possível traçar um plano dos anos anteriores, reutilizando as atividades que tiveram melhor impacto positivo e trazendo atividades novas, com características semelhantes.

No que diz respeito às atividades mais aceitas pelos participantes, percebeu-se que algumas são comuns em todos os segmentos, como é mostrado no Gráfico 6, entre elas, os jogos de quadra, grandes jogos, os caças, as gincanas, as atividades que envolvem simbolismo, entre outras. Além disso, notou-se uma preferência por atividades na natureza e por atividades em circuito de bases, pelos participantes dos acampamentos. No SESI, atividades que envolvem emoções, como medo, são bem aceitas e, nos hotéis, vê-se uma preferência também por oficinas artísticas e jogos competitivos.

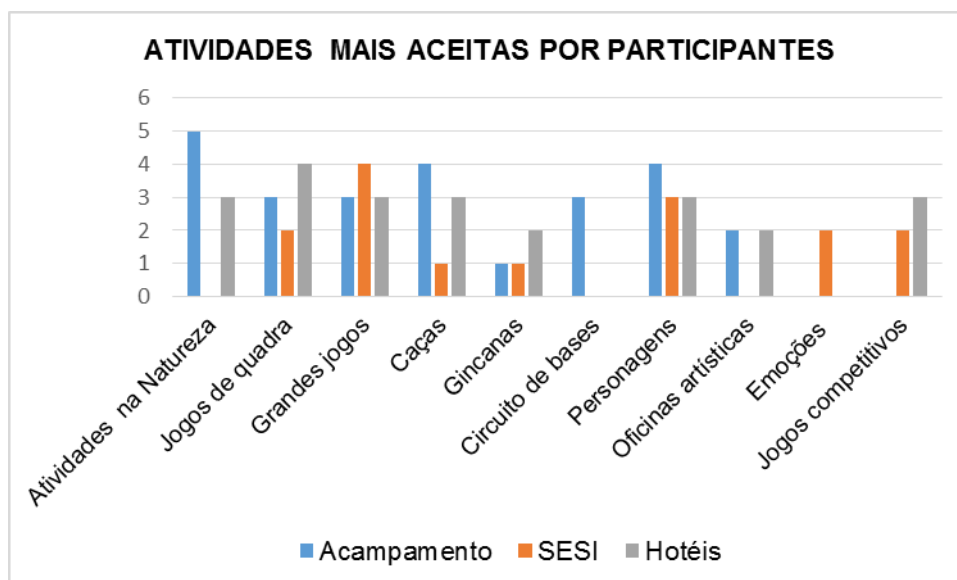


Gráfico 6 – Atividades mais aceitas por participantes

Nesse panorama, o que se percebe é que, de fato, dos três segmentos estudados nessa pesquisa, a opinião e gosto dos participantes dos acampamentos e do SESI tem maior importância que nos hotéis. No entanto, vários autores como Marcellino (1996, 2007, 2010), Melo; Alves, (2003), Ribeiro (2004), Pina; Ribeiro (2007) entre outros, afirmam que, no planejamento de uma programação de lazer, deve ser considerada a opinião e os interesses dos participantes.

7. Conclusão

Os resultados desta pesquisa evidenciaram que a formação do profissional atuante no campo do lazer e da recreação é preocupante, pois, ainda que estes possuam formação acadêmica, não conseguem ter um perfil determinado especificamente para atuar na área, como ocorre em outros tipos de empresas. Além disso, o preparo encontrado nos três segmentos, acampamentos, SESI e hotéis, aponta para uma atuação baseada em experiência anteriores, onde, o que predomina é o empirismo. De fato, as publicações acerca do lazer e da recreação ainda não são tão frequentes, haja vista que a consolidação e sistematização dessa área do lazer como um campo de conhecimento específico, ainda está em processo. Porém a falta de aprofundamento teórico por parte dos próprios profissionais pode ocasionar a desvalorização, tanto da área de atuação, quanto deste como profissional.

Em relação às atividades recreativas, ficou evidente que os aspectos pedagógicos estão presentes, mas, nem sempre, são totalmente compreendidos. Embora os temas abordados sejam amplos e contemplem diversas áreas de conhecimento, nem sempre são trabalhados da maneira correta. Portanto, é preciso maior atenção em relação ao aprendizado dessas atividades, pois, a dicotomia entre teoria e prática pode levar à perda desses aspectos, ou seja, de nada vale se pensar na educação pelo lazer, sem um treinamento apropriado aos profissionais. A falta de domínio de todas as facetas da atividade resulta em uma atuação praticista, onde o profissional não identifica o objetivo da atividade, ou não possui recursos para lidar com imprevistos.

No que se refere às inclinações dos participantes, é preciso estar atento para que a preferência do cliente não seja sobreposta aos objetivos educacionais a serem alcançados. Sendo assim, o profissional precisa estar atento para unir a realidade dos participantes ao seu programa de atividades, sem perdas de objetivos.

Dessa forma, pode-se perceber que, ainda que os campos de atuação com a recreação sejam distintos, as carências são próximas, sobretudo, no que se diz respeito à qualificação profissional e à elaboração de atividades recreativas que alcancem de fato os objetivos pedagógicos. O repertório de atividades baseia-se em experiências anteriores e pouco se utiliza da produção científica acerca do lazer e da recreação, aspecto que ainda se apresenta de forma tímida no cenário da produção nacional.

Com base nos resultados do estudo, sugere-se uma revisão no processo de formação do profissional atuante nesta área do lazer, para que se possa adequar o conhecimento necessário para sua atuação ser coerente e com qualidade, levando em consideração, inclusive, as expectativas dos usuários e a necessidade compreensão sobre o potencial educativo do lazer.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABAE - **Associação Brasileira De Acampamentos Educativos**. O que é um acampamento de férias? Disponível em: <http://www.abae.org.br>. Acesso em: 03 abril de 2012.

ABETA - **Associação Brasileira das Empresas de Ecoturismo e Turismo de Aventura**. Disponível em: <http://www.abeta.tur.br>. Acesso em 10 de outubro de 2014.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2010.

BRASIL. Ministério Do Turismo. **Regulamento do Sistema Oficial de Classificação de Meios de Hospedagem**, 2002. Disponível em: <http://www.classificacao.turismo.gov.br/MTUR-classificacao/mtur-site/> Acesso em 25 de Outubro de 2014

BRASIL. Portal Brasil. **Sistema S é estrutura educacional mantida pela indústria**, 2011 Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/educacao/2012/02/sistema-s-e-estrutura-educacional-mantida-pela-industria>> Acesso em 15 de Abril de 2012

CAMARGO, L. O. L. **Educação para o lazer**. São Paulo, Editora Moderna, 1998.

CAMPOS, J. R. V. (Org.). **Estudo de viabilidade para projeto hoteleiro**. Campinas: Papirus, 2003.

CASTELLI, G. **Marketing hoteleiro**. Caxias do Sul: EDUCS, 1991.

CASTRO, M. S. **Modelo da atividade Recreação: Módulo programação**. Rio de Janeiro: SESC, 2007.

DUMAZEDIER, J. **Lazer e Cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1973.

DUMAZEDIER, J. **Valores e conteúdos culturais do lazer**. São Paulo, SESC, 1980.

GAELZER, S. **Lazer: benção ou maldição?** Porto Alegre: Editora UFRGS, 1979.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

GOHN, M.G. **Educação não-formal e cultura política: impactos sobre o associativo do terceiro setor**. – 2 ed. – São Paulo: Cortez, 2011.

GUERRA, M. **Recreação e Lazer**. 5ª ed. Porto Alegre, Sacra: DC Luzzatto, 1996.

HENRIQUES, C. H.; ISAYAMA, H.F. Lazer e acampamento de férias: mapeando o mercado de trabalho na cidade de Belo Horizonte. In: SEMINÁRIO O LAZER EM DEBATE, 3, 2002, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: UFMG/DEF/CELAR, 2002, p. 221-222.

ISAYAMA, H. F. Atuação do Profissional de Educação Física no âmbito do Lazer: a Perspectiva da Animação Cultural. **Motriz**, Rio Claro, v. 15, n 2, p 407 – 413, abr/jun/2009.

ISAYAMA, H. F.; MOURA, R.C.B. Lazer e trabalho: olhar de profissionais de educação física que atuam no âmbito do lazer. **Arquivos em Movimento**, Rio de Janeiro, v.4, n. 2, p. 64-77, jul/dez/2008.

MARCELLINO, N. C. **Lazer e educação**. Campinas: Papirus, 1987.

MARCELLINO, N. C. (Org.) **Lazer: Formação e atuação profissional**. Campinas: Papirus, 1995.

MARCELLINO, N. C. **Lazer e humanização**. Campinas: Papirus, 1983.

MARCELLINO, N. C. **Estudos do Lazer – Uma Introdução**. Campinas: Autores Associados, 2006

MELO, Victor Andrade de; ALVES JUNIOR, Edmundo de Drummond. **Introdução ao lazer**. Barueri, SP: Manole, 2003.

PIMENTA, S. G. Formação de professores: identidade e saberes da docência. In: PIMENTA, S. G. et al. (Org.). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2005. p. 15-34.

PIMENTEL, G.G.A. Lazer: **fundamentos, estratégias e atuação profissional**. Jundiaí-SP. Fontoura, 2003

REQUIXA, R. **Sugestões de Diretrizes para uma política nacional de lazer**. São Paulo: SESC/SP, 1980.

RIBEIRO, O. F. C.; QUEIROZ, E.; SOUZA L. M. Os hotéis de lazer do Estado de São Paulo: um diagnóstico, **Licere**, Belo Horizonte, v.7, n.1, p. 25-34, 2004.

RICHARDSON, R. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 2007.

SCHWARTZ, G. M. O conteúdo virtual do lazer: contemporizando Dumazedier. **Licere**, Belo Horizonte, v. 6, n. 2, p. 23-31, 2003.

SILVA R. L. Atividades recreativas em acampamentos de férias. In: Schwartz, G. M. (Org.). **Atividades recreativas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004.

SILVA, R. L.; SCHWARTZ, G.M. Ética X Preconceito: um desafio para profissionais no âmbito do lazer. **Revista da Educação Física/UEM Maringá**, v. 12, n. 2, p. 35-41, 2001.

TAHARA, A. K. Atividades recreativas em acampamentos de férias. In: Schwartz, G. M. (Org.). **Atividades recreativas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004.

NEGRINE, A.; BRADACZ, L.; CARVALHO, P.E. G. **Recreação na Hotelaria: o pensar e o fazer Lúdico**. Caxias do Sul: EducS, 2001

NETO, D.S. Quem é o animador cultural? **Leituras Celar**. São Paulo: SESC, p. 1-4, 1980.

WERNECK, C. L.G. Lazer e formação profissional na sociedade atual: repensando os limites, os horizontes e os desafios para a área. **Licere**, Belo Horizonte, v.1, n.1, p. 47, 1998.

8. Anexos

8.1. Anexo 1 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - (TCLE) (Conselho Nacional de Saúde, Resolução 196/96)

O (a) senhor(a) está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa intitulado: **ASPECTOS RELEVANTES NA SISTEMATIZAÇÃO DAS ATIVIDADES RECREATIVAS: VISÃO DO PROFISSIONAL**, que tem como objetivo investigar os aspectos relevantes que direcionam a opção e a organização das atividades propostas durante as vivências com recreação, aplicadas no âmbito do lazer por profissionais coordenadores de hotéis, de acampamentos e atuantes no Sistema S, focalizando-se, especificamente, o SESI/ Rio Claro. Desta maneira, será realizada uma entrevista semi-estruturada aplicada pela aluna-pesquisadora do Curso de Bacharelado em Educação Física, Marília Amábile Guarizo RG:41.045.404-7, residente à Rua Dezesete A, número 14, Bairro Bela Vista – Rio Claro – SP Fone: (19) 9793 5261. Esta pesquisa faz parte do Trabalho de Conclusão de Curso da referida aluna, orientada pela Prof. Dr. Gisele Maria Schwartz. Os riscos da participação nesta pesquisa são mínimos e podem ser considerados de origem emocional, tendo em vista possível ansiedade no primeiro contato com a pesquisadora e com o instrumento. O participante não passará por qualquer constrangimento e a pesquisadora responsável estará disponível para dirimir qualquer dúvida ou prestar os esclarecimentos que se fizerem necessários. Será garantida a liberdade de continuidade ou desistência da participação no estudo em qualquer momento que o participante julgar necessário. Além disso, será garantido total anonimato ao participante, assegurando-se sua privacidade durante a participação e publicação dos resultados da pesquisa. O presente termo é elaborado em 2(duas) vias, sendo uma entregue ao participante.

Neste sentido, convido o (a) senhor (a) a assinar este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, caso esteja suficientemente esclarecido sobre os objetivos e procedimentos da pesquisa.

Nome _____ Documento de Identidade _____
Sexo _____ Data de Nascimento _____
Endereço _____
Telefone para contato _____
Data _____ Assinatura _____

Título do Projeto: **“ASPECTOS RELEVANTES NA SISTEMATIZAÇÃO DE ATIVIDADES RECREATIVAS: VISÃO DO PROFISSIONAL”**

Pesquisador Responsável: Gisele Maria Schwartz.

Cargo/Função: Professor Adjunto

Instituição: LEL/DEF/ IB/UNESP-UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO” – CAMPUS DE RIO CLARO

Endereço: Av. 24-A, 1515 – Bela Vista, Rio Claro-SP – CEP: 13506-900

Dados para Contato: fone (19) 3526 4335 e-mail: schwartz@rc.unesp.br

Aluno-pesquisador: Marília Amábile Guarizo

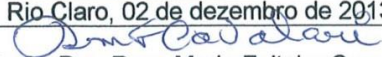
Cargo/Função: Graduanda

Instituição: LEL/DEF/ IB/UNESP-UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO” – CAMPUS DE RIO CLARO

Endereço: Av. 24-A, 1515 – Bela Vista, Rio Claro-SP – CEP: 13506-900

Dados para Contato: fone (19) 9793 5261 e-mail: mah_guarizo@hotmail.com

8.2. Anexo 2 – Aprovação Comitê de Ética

unesp		UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO" Campus de Rio Claro	
DECISÃO CEP Nº 095/2013			
Instituição: UNESP – IB – CRC		Departamento: Educação Física	
Protocolo nº: 8115		Data: 11.11.2011	
Projeto de Pesquisa: "Aspectos relevantes na sistematização das atividades recreativas: visão do profissional"			
Pesquisa Individual	Pesquisador Responsável: -.-		
Pesquisa Alunos de Graduação	Pesquisador Responsável: Gisele Maria Schwartz		
	Co-orientador(a): Giselle Helena Tavares		
	Orientando(a): Marília Amábilie Guarizo		
Pesquisa Alunos de Pós-Graduação	Pesquisador Responsável: -.-		
	Orientador(a): -.-		
Objetivo Acadêmico:	☒ TCC ☐ Mestrado ☐ Doutorado ☐ Outros (especificar)		
O Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Biociências da UNESP – Campus de Rio Claro, após análise da justificativa encaminhada em 29.11.2013, pela pesquisadora, com solicitação de prorrogação do prazo para realização da pesquisa até Outubro de 2014 – Período anterior: encerrado em Julho/2013,			
☒	Aprovou o solicitado, ressaltando que o "Formulário de Acompanhamento dos Protocolos de Pesquisa Aprovados" deverá ser entregue em Novembro de 2014.		
☐	Não Aprovou.		
Rio Claro, 02 de dezembro de 2013.  Profa. Dra. Rosa Maria Feiteiro Cavaleri Coordenadora do CEP			

9. Apêndices

9.1. Apêndice 1 - Questões da Entrevista

01. Quais os principais temas abordados pelas atividades propostas?

02. Existe um grupo responsável pela elaboração de atividades, ou isso fica a cargo de uma pessoa somente? Explique.

03. Com que frequência e sob que motivos as atividades são trocadas e/ou renovadas?

04. Como os monitores (aplicadores) aprendem as atividades?

05. Você se baseia em algum referencial teórico para fundamentar a escolha pelas atividades a serem propostas? Se sim, cite algumas fontes de referência.

06. Durante quanto tempo permanece o mesmo programa de atividades? O programa de atividades é elaborado para quanto tempo?

07. Quais os critérios utilizados para a distribuição das atividades durante o dia?

08. Com que frequência os participantes se repetem durante o ano?

09. As atividades a serem oferecidas podem definir a necessidade de escolha de um determinado tipo de monitor? Explique.

10. Existe alguma atividade utilizada com caráter educativo? Explique.

11. Quais os critérios para que uma atividade permaneça por mais tempo na programação?

12. Que atividades são mais aceitas pelos participantes?

13. Qual o procedimento adotado, quando uma atividade proposta não surte o efeito desejado?

14. Quais os principais problemas a serem superados na escolha das atividades?

15. Sobre opção e organização de atividades propostas durante as vivências com recreação, você teria algo mais a acrescentar?

16. Você já fez algum curso de formação continuada ou de formação complementar?

Orientadora: Gisele Maria Schwartz

Co-orientadora: Giselle Helena Tavares

Aluna: Marília Amábile Guarizo